

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Haydée e Manoel
:-: Santiago :-:



Manoel Santiago e D. Haydée Santiago, num recanto de "atelier"

O casal Manoel Santiago D. Haydêa Santiago vive numa constante pesquisa de arte brasileira, interessando vivamente nesse anelo a sua intelligencia e mocidade. Manoel Santiago e D. Haydêa Santiago são dois moços sacudidos por uma forte paixão pela pintura, paixão que os une e vae conduzindo, ligados em doce vinculo, pela vida bem amada.

São duas criaturas perfeitamente identificadas na mesma ambição e que realizam, discretamente, o sonho ameno da existencia feliz, dentro de um programma de bondade e de belleza.

Ambos medalhas de prata do salão official, têm dado aos nossos meios artisticos excellentes, mostras individuaes. Manoel Santiago cogita de crear pintura brasileira, onde haja o *rythmo* da nossa harmonia, da nossa côr; D. Haydêa, atira-se, resoluta e vencedora, á conquista de assumptos de vulto, differentes e ousados, marcando os seus trabalhos, evidentemente, uma nota para melhor.

Gosta do genero — composição — que é o mais difficil de realizar e consegue, com a applicação que a sua luminosa intelligencia devota ao trabalho, apresentar uma obra harmoniosa de belleza, que lhe assignala um grande lugar, para muito breve, dentre os melhores pintores brasileiros.

Manoel Santiago, imbuído da necessidade de fazer a nossa pintura vae, resoluta, de victoria em victoria, e é para lamentar que esse bello artista não se resolva a dar ao publico uma "mostra" conjunta, que seria, necessariamente, revelação vencedora em nosso meio.

Tudo justifica a segurança da prophacia, os talentos do artista, a sua devotação ao pincel, a honestidade com que se dedica ao mister de pintar, a sensibilisadora intuição que tem da arte, bastante para lhe assegurar os maiores triumphos artisticos.

Manoel Santiago e D. Haydêa Santiago são duas formosas organizações, reunidas e completadas no mesmo sonho, que transforma a vida do casal num encanto, para quem lhes perscruta a intimidade. Reunindo duas mocidades esplendidas, de talento, de harmonia e de fé, são apparentemente dois timidos, dessa timidez resultante da insatisfação da propria obra, da desconfiança de que não tenham realizado o ideal que, isoladamente, se traçaram e ligados pela vida, vão em doce communiidade perpetrando.

MANHÃ CHEIA DE EMOÇÕES

São oito e meia do dia. Fóra chove meudo, o bastante para maltratar a epiderme e irritar a sensibilidade melhor humorada, que se arrisque a sahir á

rua. Mesmo assim, sob a garôa impertinente, respeitamos o compromisso marcado. Manoel Santiago nos espera á porta do seu confortavel palacete das Laranjeiras. A' subida da escada larga, que uma janella colonial domina, temos a nossa attenção attrahida por lindos quadros, ferindo a nota, logo ao primeiro lance, uma tela, movimentada e viva, pintada á beira do rio.

— Que é?

— Trecho do litoral de Porto Alegre, respondeu-nos, num sorriso amavel, o cicerone delicado.

E mais em cima, vencida a segunda volta da escada, um bello quadro de mythologia indigena, onde logo sentimos Santiago, o vigoroso artista, que procura transmittir á tela o sentimento da pintura brasileira.

E ainda outro a tornar suave a espiral dessa escada que leva a tão lindo recanto de arte! Abre-se uma porta, estamos na parte que conduz a uma das salas da vivenda, aquella onde o bom gosto de D. Haydêa e de Manoel Santiago reuniram a sua galeria, toda ella escolhida, seleccionada — dentro do que ha de melhor, da gente nova do Brasil.

Cumprimentamos a organizadora daquelle interior de artista e somos, insensivelmente, levados a parar diante dos bellos quadros que cobrem as paredes, onde se vêem trabalhos de Visconti, Parreiras, Cavalleiro, Oswaldo Teixeira e varios outros, numa distribuição harmoniosa de côres, que revelam o gosto equilibrado de quem os reuniu e arrumou.

Estamos, finalmente, no "atelier" e ahi os nossos olhos encontram uma verdadeira officina de quadros, tal o numero de telas, que se accumulam, se penduram pelas paredes. E, o que é mais curioso, no meio dessa copiosa produção, nossos olhos, exigentes, perscrutadores, não vêem quadros feios, quadros inferiores ou máos.

Sente-se a meticulosidade com que aqui se trabalha e a grande exigencia que deve orientar a vida artistica dessas duas almas que se combinam. O equilibrio de bom gosto ha de resultar justamente do conselho carinhoso que um transmittirá ao outro, nos momentos de duvida, communs a todos os espiritos alanceados pela fascinação da arte. D. Haydêa e Santiago comprehendem-se, effusivamente se querem e, os seus quadros são os filhos desta união feliz, que enche de tons amaveis, de alegria festiva, o rythmo daquellas vidas honestas.

A ARTE DE D. HAYDÊA

D. Haydêa Santiago pinta desde muito mocinha, primeiro por intuição, sem mestres, que Porto Alegre, onde vivia, não os tinha, na época em que o seu espirito começava a alvorecer para a vida. Depois, aqui no Rio, de onde é filha e para onde regressou aos dezeseis annos, com os professores da Escola de Bellas Artes, cujo curso livre frequentou por seis annos e, mais tarde, com o grande Visconti, de quem ella e Santiago continuam a considerar-se, apesar de artistas, discipulos bisonhos.

— Pinto ao ar livre — vae nos dizendo a artista, porque ahi deparo campo para a minha fantasia, para a minha imaginação, para o sentimento exacto da pintura, que procuro fazer. Já não é possível pintar com a mesma technica de duas gerações anteriores, quando tudo era convencional, desde as côres com

que se pintava o nu' até a composição da paizagem. Esta não preocupava os artistas, era producto de artifício e convenção, ajustada como canto de quadro, dentro do proprio atelier onde o pintor trabalhava.

Seria horrivel pintar assim e foi porque, desde cedo, me compenetrei desta certeza, que logo que pude fugir ás prescripções e limites da Escola, procurei pintar sozinha, creando a arte que eu sentia e sinto, e tendo logo a satisfação de ver os meus quadros muito bem recebidos, no salão, um anno após ter deixado a Escola, quando lá, apesar de toda a minha applicação, nada lograra fazer, no sentido de pintar alguma coisa, que dêsse a mim mesma a illusão de que algo sabia compôr. Ainda não sahi do Brasil e o que faço é aqui apprendido, resultado de muito trabalho, muita tenacidade, muita applicação continuada.

Voltando-se para Manoel Santiago, sentado ao nosso lado, D. Haydéa diz, numa voz calma e agradável: "aqui não fazemos senão trabalhar os dois, numa communhão de sentimento affectivo, que concorre para melhor nos comprehendermos, sentir e crear esse ambiente que o senhor está vendo, com olhos benevolentes e amigos. Santiago é um artista cheio de belleza e harmonia"...

Olhamos Santiago, que baixa os olhos, num rapido impulso de retraimento, proprio do seu temperamento sensível:

— D. Haydéa já dizia isto quando noiva?

E Manoel Santiago respondeu:

— Se não dizia com a palavra, transmittia o pensamento, com a expressão do seu olhar.

SYNTHESE DE UM ARTISTA ILLUMINADO POR UM PEN- SAMENTO INTERIOR

Fala Manoel Santiago:

— Estamos num momento febril de renovação, que se opera tanto nos phenomenos de ordem cosmica como nos da propria estrutura humana. Ainda ha pouco, anthropologos reunidos em congresso, nos Estados Unidos, davam ao mundo a noticia de que o homem soffre, neste momento, profundas alterações, que se observam na formação das idéas e na propria configuração do seu physico. Nesta hora historica, o homem se aperfeiçoa, adquire mais um sentido, com o qual desvenda novos, desconhecidos horizontes. No limite que esses horizontes estabelecem, expressa-se em côres e em linhas, com tonalidades subteis, emanadas do "Ego" superior, que transmittie as impressões ao seu cerebro physico, muitas vezes impotente para registral-as no seu esplendor.

Nota-se no tumulto do "futurismo", em pintura, muitas manifestações puramente "astraes", que serão fatalmente melhoradas, mais tarde, visto que não passam de fórmias representativas do pensamento, mal pintadas, que o artista recebeu e não soube fixar.

A ARTE BRASILEIRA ATRAVEZ DO SENTIMENTO DE SANTIAGO

— Ha muito em começo, é bem verdade, mas ha uma tentativa auspiciosa de arte brasileira. Os nossos artistas, pintando as nossas coisas, vão lentamente se libertando das impressões trazidas da Europa, que se não adaptam á grandiosidade do scenario brasileiro. A nossa paysagem, o nosso ambiente, a nossa gente, as nossas lendas, o sentimento tradicionalista do povo, têm um cunho individual, rigorosamente caracterizado, que se não confunde com o que é alheio. O nosso caboclo amazonense é, por exemplo, um typo perfeitamente definido. Tendo um physico proprio, vive num mundo á parte, não se póde mesclar com os demais elementos componentes da raça. As circunstancias da vida crearam-lhe um meio especial, rudimentar é bem verdade, mas onde melhor se desenvolve a sua natureza atrazada, mas, nem por isso, despida de interesse, no ponto de vista artistico. Talvez dessa circumstancia mesma lhe advenha o encanto que lhe descubro, dentro da singeleza da sua brasilidade. O caboclo e os seus costumes são uma fonte inesgotavel de emoção e, se já tivemos um forte movimento litterario indianista, muito mais natural será que peçamos ao caboclo a inspiração racial para as artes plasticas, especializada-mente a pintura que, nesse "motivo", depara uma chromatização de tons inexcidível, capaz de vencer as dificuldades maiores que nessa arte se possam apresentar. As nossas lendas são um manancial riquissimo de emoção e até agora estão quasi virgens de interessar a atenção dos pintores, voltados, totalmente, para o que os outros povos, as outras raças fizeram. Não basta que um povo possua dous ou tres grandes pintores. E' preciso que cada grande povo gere a sua arte, representativa das tendencias e sentimentos da sua raça. Um grande pintor, á moda franceza ou hespanhola, nascido no Brasil, não terá a metade da actuação que teria se fosse um pintor "brasileiro". Sim, porque já é tempo de pesquisarmos, indagarmos, perquerirmos, até realizar obra nossa, capaz de apresentar o nome do Brasil como paiz que possui arte propria. Não é uma tendencia vã. Mesmo na America há nações que possuem uma arte perfeitamente individualizada. O Mexico, por exemplo, se apresenta na competição mundial, de valores artisticos, com uma arte bem definida, bem accentuadamente sua, nas grandes linhas como nos menores detalhes. Os vestigios de uma arte elementar, nos apetrechos de guerra, nos adornos festivos da indumentaria e, sobretudo, na ceramica indigena, reunida em exemplares preciosos, colhidos em variós pontos da Amazonia, especialmente na grande ilha de Marajó, são fortes motivos emocionaes e pictoricos que os nossos artistas não têm o direito de desprezar. Elles, sozinhos, não basterão, talvez, aos exigentes, como escola de inspiração; mas, a sua adaptação ás nossas lendas, aos nossos rcontos populares, são talvez bastantes para inspirar uma grande arte nacional, especialmente se esses elementos forem tratados como devem ser, dentro da paysagem, do ambiente brasileiro.



D. Haydía Santiago

O TRABALHO DOS NOVOS NA PINTURA BRASILEIRA

Ha um brilhante numero de rapazes trabalhando nesse momento para maior valorização da nossa arte. Dedicam-se á pintura com interesse e alguns com viva paixão, sendo certo que desse esforço resultará uma obra copiosa como contribuição dos pintores da nossa época. A tendencia de libertação de methodos antigos de ensino já é uma victoria, por isso que não ha vantagens em atrophiar o espirito, creando-se-lhe embaraços e difficultando a iniciativa de que o artista necessita para produzir na integral expansão da sua capacidade creadora.

Faz-se sentir, neste instante, uma viva tendencia libertadora contra as velhas formulas, as praxes millennarias e retrogradas do academicismo e do humanismo na busca de uma directriz na qual os artistas possam ficar mais á vontade dentro do processo de cada um, de todo libertos das algemas academicas, das fórmulas bysantinas, incompativeis com o espirito novo da mocidade. A prova é que já ninguem pinta copiando os velhos moldes, com as côres, os tons de convenção para retratar a figura ou desenhar a paysagem. Todos fazem o ar livre, pesquisando, indagando, na ansia do inatingido mas antevisto pela imaginação creadora.

Veja que os nossos pintores não se repetem. Nós não somos seguidores, deste ou daquelle grande mestre brasileiro, como estes por sua vez não imitaram áquelles com quem aprenderam. Este detalhe, que explica a falta de escolas na pintura brasileira, é um systema renovador de confiança, um seguro penhor de que o artista aqui procura defender a sua personalidade, o que facilita muito mais do que a principio possa parecer, a tarefa por que me bato, da criação de uma arte rigorosamente nacional.

Veja os nossos expoentes.

A quem o grande Visconti imita, no Brasil? Seguramente, a ninguem.

E Bernardelli? E Parreiras? E Lucilio e D. Georgina? E tantos outros artistas nossos, fortes expoentes das artes plasticas nacionaes?

Este facto, que cumpre assignalar com prazer, é um symptoma magnifico, que vale commentar, porque accentúa o personalismo de cada um, o que é muito mais productivo do que a imitação, fatigante e inocua, senão prejudicial.

Revela este detalhe a nossa preocupação de fazer obra individual, o que já é, insensivelmente, no sub-consciente de cada um, o desejo de corporificar idéas de que resultem a formação de uma arte nossa, pessoalmente, caracteristicamente americana, e mais do que americana, brasileira.

A FORMAÇÃO DO ARTISTA

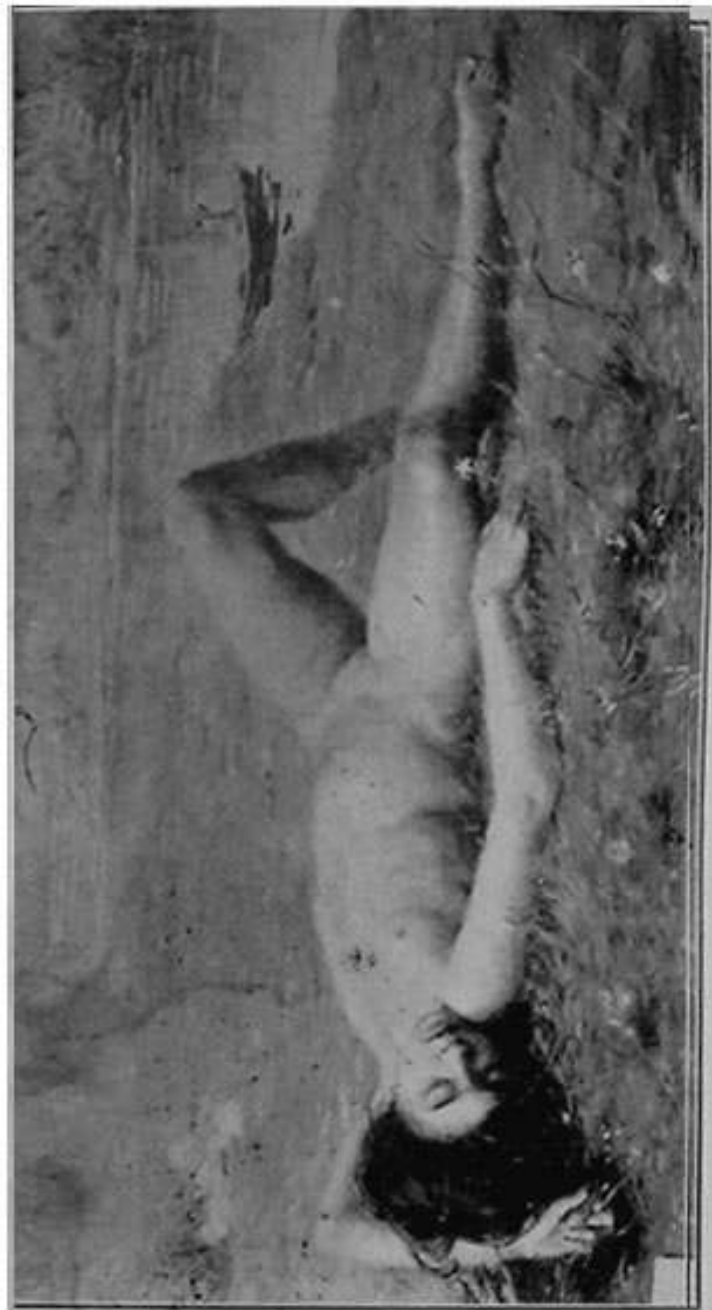
— Propriamente, sem modestia, não me posso attribuir, com o rigor do academismo, uma formação... Sinto, apenas, que a arte em mim é um sentimento innato, manifestado em tenra idade, sem mestres, sem professores, na intimidade da casa de meus paes. Tinha eu 6 annos, quando pintei um retrato a carvão, de meus avós, sendo este, que me lembre, o primeiro trabalho meu. Desse tempo, por deante, desenhei, pintei muito, até agora, primeiramente

sem professores, mais tarde, já mocinho, com os mestres de desenho que era possível obter na provincia. Vindo para o Rio, estudei na Escola, primeiro, como alumno matriculado, depois como alumno livre. Tornei-me alumno livre, pela questão de frequencia rigorosa, visto outros afazeres me obrigarem a faltar, uma ou outra vez, ás aulas. Nesse character, frequentei, porém, varios annos a Escola, tornando-me, depois, alumno do professor Visconti, em curso particular, artista a que continuo a acatar como legitimo mestre.

Tenho exposto continuamente e vou logrando obter os premios que o jury costuma escalar, começando pela menção de segundo gráo. Pleiteei o anno passado o premio de viagem, conferido a outro companheiro, o que me não impossibilita, antes dá-me mais forças, para trabalhar noutros quadros, noutras conquistas, noutras obras. Agora mesmo, preparo um téla que tenciono expôr no salão official. Nunca fiz exposições pessoaes, porque trabalho sempre para o salão e para os estudos que vou conservando em meu poder, não dispondo de tempo para tentar mostra conjunta. Penso, porém, que brevemente exporei com Haydéa, o que ainda não está, entretanto, resolvido. O que lhe posso affirmar é que trabalho ou, para ser mais exacto, trabalhamos muito, aproveitando a nossa mocidade, afim de que a velhice nos encontre socegados, podendo, enfim, repousar.

Já é um consolo que, com uma vida assim cheia de obrigações, possamos descansar quando as forças nos faltarem... Agora, não. Somos moços, confiamos no esforço proprio e queremos vencer.

.. E foi assim, com estas bellas palavras, de fé e confiança no seu insano trabalho, que sentimos Manoel Santiago crescer mais aos nossos olhos, e delle nos despedimos, sahindo para a tormenta, para a humidade pegajosa e doentia da garôa, que continuava fastidiosamente a ensopar as calçadas, a estragar os vestuarios, a irritar, com a cadencia enervante de um pendulo, os homens atirados á rua...



“Flór de Igarapé”, medalha de prata de 1925, do salão oficial de Bellas-Artes